

NOSSOS CLÁSSICOS

PIERRE GEORGE, UM ILUSTRE DESCONHECIDO

BRENO VIOTTO PEDROSA¹

Universidade de São Paulo

O leitor atento e aberto poderá acompanhar Pierre George por todos os meandros de suas elucubrações sobre o planejamento de Varsóvia que foi sistematicamente destruída pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Vemos que várias idéias clássicas e importantes da geografia francesa aparecerão no transcurso do texto que faz uma apologia clara ao regime comunista. Tardiamente, em um balanço feito na sua maturidade, o próprio Pierre George classifica esse período de sua obra como a hagiografia dos países comunistas.

Contudo, mais do que destrinchar minuciosamente o texto de George gostaríamos de levantar alguns elementos biográficos de sua trajetória que nos permitam compreender melhor qual era sua posição no campo disciplinar da geografia. Posteriormente, exploraremos elementos contextuais de Varsóvia e da Polônia para que o leitor se familiarize com a especificidade deste país.

Contemporaneamente, no Brasil, Pierre George causa uma série de posturas controversas: por um lado alguns que se identificam com a nova esquerda ou até mesmo com tendências do pós-estruturalismo percebem que George é muito influenciado pelo stalinismo e isso basta para não estudá-lo ou para, automaticamente, dizer que sua obra é simplista. Por outro lado, uma visão triunfalista quer reler sua obra para intitulá-lo

¹ Doutorando pela FFLCH/USP

E-mail: brenoviotto@hotmail.com

fundador e guia para os problemas entre geografia e pensamento marxista. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Seria igualmente ingênuo pensar que George foi uma figura marginalizada já que, sem sombra de dúvida, ele foi um dos principais coordenadores da disciplina na França durante o século XX, concentrando um imenso poder institucional.

Sua produção extremamente ampla, que só nos *Annales de Géographie* envolve mais de 650 contribuições, é um fator que dificulta a visão de conjunto de sua obra (HOMMAGE, 2006:3). Seus textos, muitas vezes sóbrios e comedidos, colocam discretamente as ideias e concepções utilizadas. Portanto, Pierre George não aceita leituras ingênuas e para compreendê-lo é necessário saber manejar bem a tradição disciplinar da geografia francesa, compreender o estado do marxismo francês no pós-guerra e através de um enfoque totalizante, delimitar as vicissitudes de seu projeto intelectual para a geografia. Se observarmos, no texto a seguir, George manipula de maneira muito operacional a ideia de sítio e situação, uma concepção utilizada nas monografias urbanas de alguns alunos de Vidal e que no Brasil foi popularizada por Pierre Monbeig chegando, por exemplo, até o trabalho de Caio Prado Jr. (1983) sobre a cidade de São Paulo.

Observações à parte, concordamos com a visão de Joël Pailhé (1981) de que a obra de Pierre George é compreendida como uma tentativa de harmonizar o marxismo com a geografia regional vidaliana. Isso, porque no início de sua carreira o contato com os alunos e herdeiros de Vidal foi forte e profícua. George foi aprovado em primeiro lugar no exame de agregação em 1930 e, apenas 6 anos depois, em 1936, defende sua tese sobre a região do Baixo Ródano orientado por André Cholley. Apesar de receber algumas críticas do seu orientador no que diz respeito ao estilo de escrita considerada impessoal, ele recebe o título de doutor aos 25 anos de idade, apresentando um trabalho complexo sobre a região francesa que analisa principalmente sua paisagem natural, sua dinâmica agrícola e o processo de êxodo rural ligado à industrialização (RENARD, 2008:289 e CLOUT, 2010:264).

Concomitantemente a esse período, George engaja-se na escrita de vários textos sobre as regiões e paisagens da França. Ele explora seus aspectos naturais e culturais através de um tom poético, procurando a personalidade de cada região sob um viés nacionalista (MERCIER, 2008, p. 264). Na sua própria autobiografia ele lembra com saudosismo os encantos desse mundo agrário antes das consequências aprofundadas da industrialização (GEORGE, 1990:14-45).

Aqui se abre uma bifurcação em sua trajetória, pois George, através de sua atuação profissional e política, direciona seu nacionalismo para a esquerda. Ele começa a lecionar num liceu em Prytanée de la Flèche e logo participa do sindicato nacional dos professores. Contudo, será cassado após ingressar no comitê de vigilância antifascista. Apesar desse revés, a militância política proporciona um espaço para que ele escreva nos Cadernos do bolchevismo² e para, em 1936, filiar-se ao Partido Comunista Francês (CLOUT, 2010:41; JULLIARD e WINOCK, 1996:532).

Em 1938, por indicação de E. de Martonne, Pierre George é incumbido da análise das publicações de língua eslava na Bibliografia Geográfica Internacional. Ele aprende russo e começa a especializar-se na geografia da União Soviética e dos países do leste europeu, tema que se debruçará por toda a sua vida (JULLIARD e WINOCK, 1996:532). Obviamente seu trabalho sobre Varsóvia faz parte desse movimento. No mesmo ano de 1938, Pierre George publica *Géographie économique et sociale de la France*, uma obra que explora o quadro nacional da França, seus recursos naturais e capacidade produtiva do ponto de vista agrícola e industrial. Esse livro será reeditado e publicado numa escala mais ampla depois da guerra propondo medidas para reconstruir o país, além da avaliação de suas forças produtivas – a edição que conseguimos consultar citada nas referências é de 1946.

Em 1939, é fundada a revista *La Pensée: revue du rationalisme moderne*, ligada à União Racionalista que envolvia membros da Escola dos Annales. Lucien Febvre, Pierre George e Jean Dresch são patronos dessa revista que, na melhor moda do Iluminismo e do enciclopedismo, buscava agrupar a intelectualidade simpática às ideias de esquerda para popularizar o conhecimento científico entre o povo. Além do Iluminismo, o espírito da revista reflete a política vigente do *Front Populaire* em que os comunistas se uniam à burguesia progressista para ganhar força contra o fascismo.

Não temos muitas notícias da atuação de George durante a Segunda Guerra mundial, mas muito provavelmente ele se envolve de alguma forma com a resistência ao nazismo, como muitos de seu grupo e geração. É certo que ele continua a lecionar e militar. Entretanto, no final da guerra, em 1944, George participa do governo Vichy na Delegação Geral de equipamento nacional ao lado de intelectuais de direita como J.-F. Gravier,

² Os textos de George publicados, todos em 1937, são: “Les richesses naturelles de la France et leur distribution” (nº 4-5), “L’économie agricole de la France” (nº 6-7) e “Le transport et commerce en France” (nº 9-10).

F. Perroux e G. Dessus. A influência do pensamento desses intelectuais, a grande maioria formada na economia, não será menor em sua obra. O uso da teoria dos polos de Perroux, o diálogo entre economistas e geógrafos sobre a teoria de Christaller, o debate acerca da ideia de região e o papel no planejamento na vida nacional são alguns reflexos desse debate que se inicia na reta final do conflito mundial (COUZON, 2001, p. 171).

O fato mais importante, entretanto, é a defesa de George sobre a política de descongestionamento industrial de Paris, um item importante da agenda do governo Vichy que prometia paz no campo. Para Manzagol:

Pierre George aprofunda, em 1945, a relação de 1944 sobre o estudo estatístico das dimensões dos estabelecimentos industriais que traz à luz o papel das pequenas e médias empresas por ramo industrial, para mensurar um tamanho ótimo para os estabelecimentos, conhecimento necessário a toda prescrição sobre a localização das indústrias. O que dá todo o sentido para essa relação, é sua retomada em um livro com a coautoria de Gabriel Dessus, Pierre George e Jacques Weulersse intitulado *Materiais para uma geografia voluntária da indústria francesa* (1949). Um título eloquente que ilustra as proposições concretas apresentadas em particular por Gabriel Dessus, mas às quais aderem os três autores: não estamos na torre de marfim da universidade. O que está proposto é uma série de reflexões coordenadas e informativas sobre a necessária redistribuição da indústria francesa, indispensável para o descongestionamento dos centros (afrouxamento), o reequilíbrio territorial, a descentralização mais que dispersão, favorecendo notadamente as cidades de 10.000 até 50.000 habitantes próximas das metrópoles regionais (MANZAGOL, 2008:329).

O grande problema é que o partido comunista francês era radicalmente contra essa agenda, pois tal mudança espalharia e desarticulava o proletariado. As lutas e a organização sindical estavam todas muito bem articuladas na capital e o descongestionamento amenizaria os conflitos entre empregados e patrões. Entretanto, a descentralização seria um meio efetivo de distribuir a riqueza e a infraestrutura de uma maneira mais igual no território francês. Esse era o argumento de George e seu grupo, sendo que a desindustrialização de

Paris já havia sido defendida por Max. Sorre e Jean Brunhes, na década de 1930 (GUGLIELMO, 2008:256 e JULLIARD e WINOCK, 1996:59).

Apesar dessa controvérsia com o partido, George mantém o contato com os economistas de direita e com os marxistas sem aparentemente sofrer grandes abalos de autoridade. Isso pode se justificar por vários motivos, entretanto, até o momento não encontramos na literatura nenhum comentário mais profundo sobre essas consequências. Contudo, não seria nenhum absurdo pensar que George foi responsável pela militância de vários alunos, que ele era um figura muito importante envolvido em várias frentes de pesquisa não restritas somente à geografia e que ele era um dos principais especialistas sobre União Soviética na França em meados do século XX. No momento da controvérsia, George desculpa-se e, muitos anos depois, dirá que seu objetivo em se engajar na delegação era romper com uma longa tradição de imobilismo, empenhando-se para reconstruir a França no pós-guerra (COUZON, 2001:163).

O contato com os economistas, liderados por Perroux, que utilizam a ideia de estrutura e espaço econômico, exerce uma influência importante na sua geografia. George não abre mão da delimitação regional tradicional da geografia francesa que leva em conta múltiplos fatores naturais e humanos, mesmo que a teoria dos polos de crescimento, a hierarquia urbana inspirada a partir de Christaller e a concepção de região como uma unidade, que contém coerência econômica, continuem a ser importantes. Cabe ressaltar que Perroux tem um diálogo com a obra de Jean Gottman, principalmente, no que diz respeito à limitação do campo de estudos entre a geografia e a economia: enquanto a geografia estuda o espaço banal ou todos os elementos da vida social do homem, a economia analisa o espaço econômico das trocas comerciais e da satisfação das necessidades dos homens (COUZON, 2001:93)

No pós-guerra, em 1946, George trabalha na Universidade de Lille ao lado de Pinchemel e Max. Sorre, que durante a Primeira Guerra foi simpatizante da política do Front Populaire, sendo que teve sua carreira acadêmica ameaçada durante o governo Vichy (ROCHEFORT, 2008:248). Muito provavelmente, foi durante a estadia em Lille que George estreitou os laços pessoais e intelectuais com Sorre. Não podemos ignorar que a ideia de espaço geográfico e a preocupação com o diálogo entre geografia e sociologia são claras influências de Sorre.

No pós-guerra ao redor de André Cholley, simpático ao marxismo, inicia-se a formação de um grupo de geógrafos de esquerda, todos

participantes do partido comunista. Destacamos Pierre George, Jean Dresch e Jean Tricart. Os alunos desses três geógrafos ingressarão igualmente no partido comunista, como por exemplo, Yves Lacoste, Bernard Kayer, Raymond Guglielmo, André Prenant e Michel Rochefort, para citar alguns.

Como destacou Bataillon (2009:27-28), mesmo os alunos de Cholley que não se engajaram no partido comunista trabalharam com temas muito parecidos. Apesar de eles terem iniciado a carreira de pesquisa na geomorfologia, subárea do conhecimento que tinha um prestígio enorme e rendia um excelente capital cultural desde sua afirmação pelo pensamento de De Martonne, voltaram-se para o planejamento territorial e para a geografia urbana. É o caso de Tricart, Beaujeu-Garnier, Pinchemel, André Journaux e do próprio Pierre George.

No pós-guerra, George coloca sua proposta de geografia social, que através de uma visão sistemática da sociedade, buscava privilegiar as relações de variáveis como economia, demografia e técnica para compreender e classificar as diversas sociedades do mundo. Como George mantém a postura de tentar concatenar aspectos da geografia vidaliana e da marxista, sofre críticas de Dresch que vê na sua proposta uma simplificação das sociedades complexas (DRESCH, 1980:22).

Em 1945 é publicado o seu livro *Géographie sociale du monde* e também um curso de economia política que revela o peso do stalinismo em seu pensamento. O curso carrega no seu subtítulo a expressão “a economia como motor da história” e ilustra como George relacionou marxismo e geografia regional (GEORGE, 1945:2). Nesse texto curto em que Engels é mais citado do que Marx, George defende o pacto Ribbentrop-Molotov e a concepção de que a união entre operários e camponeses aliada ao conhecimento das leis científicas, que regem a economia, constitui o caminho verdadeiramente científico para a construção do socialismo. É a revolução que torna possível a humanização do mecanismo cego da história, pois permite uma libertação de seu motor econômico.

No final do curso, que se destina a explicar alguns aspectos do surgimento do capitalismo na França, George recupera seu trabalho sobre o Baixo Ródano para demonstrar a formação dos capitais. Ele destaca a ascensão da burguesia de Lyon que surgiu através do artesanato e das pequenas oficinas, originando a concentração e a extração de mais-valia (GEORGE, 1945:23).

Contudo, não é possível compreender todos esses eventos sem se dar conta que a vitória da União Soviética colocou o comunismo em alta estima entre a população. O fato de o partido comunista francês ter organizado uma parte significativa da resistência contra o nazismo fez com que ele galgasse um poder institucional importante, ocupando espaços em vários setores do Estado francês, inclusive na universidade. Esse seria um fator chave que permitiu a entrada de George e Dresch, respectivamente, entre 1948 e 1949, na Sorbonne, onde o conservadorismo não era um elemento a ser desconsiderado.

Dessa conjuntura, articula-se um movimento intelectual maior que busca compreender o funcionamento da sociedade soviética, porque disso dependeria o futuro da Europa e do mundo. Dessa maneira:

A curiosidade francesa a respeito do sistema soviético procede de motivações diversas. Ela se inscreve primeiramente na problemática da mudança social e da modernização que caracteriza o debate das ciências sociais e políticas do pós-guerra. É nessa perspectiva que a 6ª seção da Escola Prática de Altos Estudos e o Instituto de Estudos Políticos [este último recebe George como professor de geografia econômica], duas novas escolas em 1945, oferecem alguns lugares aos pesquisadores e aos professores sobre a União Soviética, assim como os administradores modernistas tais como o Instituto Nacional de Estudos Demográficos ou a Documentação Francesa consagram uma parte de seu trabalho a eles. A União Soviética torna-se um objeto de análise que interessa não apenas por si só, mas por aquilo que pode se tornar o futuro da sociedade francesa, da democracia, da paz e do comunismo. (...) A União Soviética funciona como um modelo e depois um contra modelo, num contexto geral marcado por uma forte presença do PCF na vida política e intelectual francesa e pelo ativismo de uma pequena minoria de “dissidentes” cujas fileiras aumentam sobretudo após 1956 (DULLIN, 2000:48).

George publica em 1945 o livro *L'économie de la URSS* pela coleção *Que je-sais?* e em 1947 o seu *L'URSS se estabelece* como um manual sobre a constituição e o funcionamento do sistema soviético – lembrando que os livros foram publicados em momentos importantes de

formação da guerra fria, o que rendeu a George um veto para viajar aos Estados Unidos durante quinze anos (CLOUT, 2008).

Independentemente dessas consequências, o fato é que o conjunto de intelectuais que buscou compreender o sistema soviético utilizou muito o método comparativo para delimitar as diferenças entre as sociedades. Pierre George, por exemplo, publicou em 1946 uma obra sobre a *L'économie des États-Unis* e, posteriormente, utilizará esse mesmo raciocínio para compreender os países subdesenvolvidos ou do Terceiro Mundo (DULLIN 2000:50). É possível compreender, até mesmo, a perspectiva do subdesenvolvimento para Lacoste, através da comparação dos sistemas sociais.

Se observarmos o excerto acima, a demografia foi um campo que também se radicalizou e George faz algumas incursões através da criação do subcampo da geografia da população. George trabalha com Alfred Sauvy, o economista que cria a classificação de primeiro (capitalista), segundo (socialista) e terceiro mundo (subdesenvolvido) incorporada rapidamente por seu pensamento.

No entanto, considerar a demografia como instrumento de análise não é nenhuma novidade. Na célebre obra de Vidal de la Blache, “Os princípios de geografia humana”, nota-se um capítulo em que o autor discute a divisão da população mundial pelos continentes do globo e problematiza a questão da densidade demográfica. O leitor atento perceberá que a densidade é um elemento importante no planejamento e na reconstrução de Varsóvia, na tradução a seguir. Através de seu prestígio e de sua relação com Sauvy, George torna-se diretor do Instituto de Demografia da Universidade Paris I (ROCHEFORT, 2008:249) e o próprio texto de Varsóvia é publicado por uma instituição que se dedica ao estudo demográfico.

A ascensão vertiginosa de George no pós-guerra não para aí. Ele começa a lecionar em uma prestigiada e tradicional instituição privada de Paris, o Institut de Science Politique de Paris (comumente conhecida por Science Po). Lá, George pode desenvolver uma nova frente de pesquisa, se dedicando ao estudo da periferia de Paris e à geografia urbana. Ele recruta alunos para esses temas e para o estudo das mudanças econômicas, demográficas e sociais da França no pós-guerra (JULLIARD e WINOCK, 1996:370 e 532).

No texto sobre Varsóvia, fica evidente seu interesse pela geografia urbana, principalmente no tocante à maneira como a cidade cresceu

historicamente e quais foram os critérios de organização do espaço. O texto atravessa uma série de discussões que elucidam os dilemas dos planejadores e, apesar de não haver a intenção de fazer de Varsóvia uma cidade exclusivamente política, George acaba por reconhecer que alguns bairros irão concentrar algumas atividades de administração pública.

Mais ou menos nesse mesmo período, entre o final da década de 1940 e o início da de 1950, Jean Tricart também trabalha com geografia urbana, pautado principalmente na ideia de *habitat*. George, no entanto, concentra-se na estrutura urbana com seu comércio, artesanato, indústria e serviços, muitas vezes, ampliando a análise para a escala regional e discutindo a hierarquia urbana, inspirado pela teoria dos lugares centrais de Christaller (BRUN, 2008:277-278). A morfologia e a paisagem urbana são valorizadas e nem George, nem Tricart estão alheios aos trabalhos da escola de Chicago sobre a estrutura urbana como metáfora de um organismo vivo. Entretanto, como indica Tissier, tais concepções já desfrutaram de uma complexidade teórica:

A ênfase é colocada sobre o ajuste das estruturas urbanas e, para a maior parte dos autores, suas noções são largas e mais compreensíveis que a simples morfologia material cujos planos em diferentes escalas deram a imagem. A noção de estrutura tem uma dimensão econômica, social, e na obra de alguns, política. O espaço urbano, e notadamente a periferia é considerada como um campo no qual atuam os agentes econômicos e sociais. As metáforas organicistas ou mecanicistas que permanecem essencialmente sobre as convergências das formas não estão mais na moda (TISSIER, 1992:259).

O estudo da periferia e as mudanças quantitativas e qualitativas da cidade revelam as contradições do sistema capitalista, na opinião de George. É possível identificar seu desagrado ao referir-se às partes de Varsóvia que cresceram sem um planejamento racional, ou seja, ao sabor dos critérios do mercado imobiliário.

Outro elemento importante a ser ressaltado é a influência e o diálogo que George promove entre a geografia e a sociologia. Assim, o pensamento de G. Gurvitch, de G. Friedman e de H. Lefebvre são importantes para sua obra, mostrando que “as fronteiras são ilusórias entre a geografia urbana e a sociologia urbana” (GEORGE, 1975:193). George demonstra no texto de Varsóvia as diferenças entre os padrões de

urbanização da época medieval e da modernidade, bem como as distorções sociais causadas pelo processo de industrialização como, por exemplo, a formação do proletariado e a carência de moradias. Essa diferenciação também é trabalhada por Lefebvre (2008) em várias obras, dentre elas, o seu “Espaço e política”.

Apesar de ressaltar todas essas contradições, George não trabalha claramente com a ideia de luta de classes e em parte desradicaliza a estratificação social através da divisão da população por categorias sócioprofissionais (ROCHEFORT, 2008). Isso confere um caráter abstrato para a economia como motor da história, já que os seus atores estão encobertos por uma diversidade de ocupações que não demonstra claramente quais são as relações de exploração da sociedade capitalista.

Em 1953, George participa da jornada de Ivry que envolvia muitos geógrafos ligados ao partido e que procurava encontrar fundamentos para a geografia marxista. Sua conferência se debruçaria sobre o tema da geografia aplicada, mostrando mais uma vez sua ligação com o planejamento. Entretanto, algumas falas foram canceladas para que houvesse mais tempo para o debate. Além de querer dialogar com o marxismo e com a política, os geógrafos franceses de esquerda queriam mais contato com a geografia soviética e desejavam combater ideias como o gênero de vida (SURET-CANALE, 1981:15-16).

O resultado prático da jornada é a publicação de uma série de artigos nas revistas de esquerda como em *La Pensée*, que tinha uma tradição mais enciclopedista e materialista, e em *La nouvelle critique*, mais ligada ao stalinismo e ao zdanovismo, ou seja, a luta ideológica entre as ideias culturais do campo proletário e burguês (JUILLARD e WINOCK, 1996:837).

Tudo mudaria em 1956 com a invasão da Hungria pelo exército soviético com o objetivo de conter as manifestações populares. Vários intelectuais que estavam engajados no partido abandonaram-no, e aqueles que permaneceram logo seriam desafiados pela demora na tomada de decisões, a respeito da guerra da Argélia. George sai em 1956 e inicia um processo gradual de distanciamento do marxismo. Como demonstra Pailhé (1981:21-27), George já havia feito uma série de modificações nas suas obras, a partir do processo de destalinização depois de 1953 como, por exemplo, a mudança no nome de cidades ou, ainda, a retirada de citações a Lyssenko.

A longo prazo, George continua a se interessar pela União Soviética e pelo mundo eslavo, mas gradualmente vai retirando suas referências ao marxismo e aproximando-se das ideias de Fernand Braudel sobre a longa duração e sobre a técnica como uma variável que fundamenta a relação entre homem e meio. A relação com o tempo estrutural, certamente, remete às ligações entre geografia e Escola dos Annales no início do século XX, e a técnica pode ter sido uma influência de Sorre. Entretanto, algumas concepções como a de estrutura urbana ou a visão mais sistêmica do funcionamento da sociedade persistirão, mesmo que um pouco afastadas de uma ênfase na economia política existente na década de 1950.

O interesse sobre o planejamento e o diálogo com os economistas também persiste. Em 1960, é criada a DATAR (Delegação interministerial de planejamento do território e atratividade regional), o que gera um novo ciclo de ações planejadoras no território francês. O DATAR substitui um antigo órgão interministerial nascido do plano Marshall de reconstrução. A grande continuidade é que o novo órgão continua com a gestão estatal da economia, com a racionalização da organização econômica e a criação das metrópoles de equilíbrio que buscavam regular a disponibilidade de serviços em todo o território nacional (MONTRICHER, 1995:13). As ideias de Perroux continuavam importantes e a planificação era feita de maneira centralizada, ou seja, a esfera nacional prepondera sobre a local. No entanto, a novidade é a inserção da escala regional de ação com a criação de departamentos que se dedicaram ao estudo da situação territorial de diversas regiões.

George foi um dos principais defensores do binômio plano central e ação regional e, nesse sentido, a publicação do livro “Geografia Ativa” (GEORGE, 1964) com seus alunos posiciona a defesa de um ponto de vista e de uma proposta para o novo ciclo do planejamento francês. Aqui, o diagnóstico dos problemas regionais, a partir de seu enquadramento histórico e de sua situação geográfica, permite que o geógrafo atue em equipes multidisciplinares apresentando soluções para os problemas. Entretanto, a grande diferença do resto de sua carreira é que, se anteriormente o planejamento tinha um viés político ligado à construção do socialismo e às ideias do partido, agora, depois do rompimento com os comunistas, o plano deve ser neutro. O diagnóstico idôneo deve ser submetido aos políticos que tomaram as decisões coletivas acerca do que deve ou não ser feito (GEORGE, 1964:14-43).

Nem sempre esse planejamento funcionou, pois ele estava muito centralizado em uma política do Estado e não era simpático aos interesses das empresas. A iniciativa privada se recusava a mudar sua lógica e estratégia em função do plano, porque eles sabiam que isso representava uma perda de competitividade e um incentivo fiscal que se convertia socialmente, mas nem sempre beneficiava a empresa (MONTRICHER, 1995:78).

George, desde o início da década de 1960, cria uma controvérsia com aqueles que queriam somente aplicar a geografia ao uso econômico sem responsabilidades sociais. O grande debate entre geografia ativa e aplicada manifestou-se até mesmo dentro da União Geográfica internacional (ROBIC et alii, 1996:276). Não podemos ignorar o fato de que, apesar de nessa época a nova geografia norte-americana não ter tanta força na França, ela já manifestava-se no mundo com reverberações em várias escolas nacionais. George provavelmente também deve ter visto os efeitos da quantificação através da influência que a ciência regional de Walter Isard exerceu na escola dos economistas ligados a Perroux na década de 1960, mesmo que no passado eles representassem um debate entre keynesianismo e liberalismo (BENKO e SCOTT, 2004:54 e COUZON, 2003:87). Assim, a geografia ativa também visa se posicionar acerca desses problemas.

A última situação que cremos ser mais importante a respeito de seu rompimento com a geografia de esquerda foi a postura adotada diante dos eventos de maio de 1968. Se analisarmos os *Annales de géographie* desse ano, veremos que muitos geógrafos de esquerda publicaram textos e Pierre George escreveu sobre o planejamento soviético. Novamente ele defende o binômio plano central e ação regional e diz que o grande problema da era Kruchov foi ter descentralizado precocemente o planejamento territorial (GEORGE, 1968:578).

Esse texto pode ter sido uma tentativa de agradar alguns setores da esquerda, entretanto, ele não percebe que ela mudou drasticamente e que maio de 1968 foi um amplo movimento social heterogêneo que englobava diversos espectros políticos da própria esquerda. Enquanto Dresch, que na época era diretor do Instituto de Geografia, tenta negociar e dialogar com os alunos, George escolhe isolar-se em uma casa de campo e briga com vários de seus discípulos que resolveram participar dos movimentos sociais como, por exemplo, Lacoste e Guglielmo (ROCHEFORT, 2008:252). Alguns laços nunca mais se reatarão e é a partir desse evento que George retira-se completamente de seus antigos engajamentos.

Ao contrário de Dresch, que buscava uma ancoragem institucional através de seu capital militante, George dedicava-se mais à universidade do que ao partido. Em 1968, ele era diretor da Bibliografia Geográfica Internacional (cargo que manteve até 1972), dominava o comitê editorial dos *Annales de Géographie*, era membro da diretoria da *Presses Universitaires de France* (cuja representação no Brasil era feita pela DIFEL), era presidente da seção de geografia do Comitê de trabalhos científicos e históricos, além de ser presença obrigatória em congressos científicos e orientador das publicações no campo geográfico (CLAVAL, 1998:332). Ou seja, seu mandarinato estava bem estruturado e maio de 1968 colocava em questão todo esse poder e o capital cultural, acumulado durante anos.

Ainda existem eventos importantes na trajetória de Pierre George, mas agora que temos subsídios para compreender o contexto da publicação de seu texto sobre Varsóvia e o motivo pelo qual ele mesmo intitulou essa fase de sua vida se hagiografia dos países comunistas, vamos explorar a situação da Polônia no pós-guerra. Isso nos permitirá apreender a riqueza e os limites do texto de George sobre Varsóvia.

*

*

*

A primeira coisa que devemos ter em mente é que a Polônia frequentemente é vista como um país tampão na relação entre a Europa Ocidental e a Oriental. Portanto, observar sua história é deparar-se com uma série de flutuações e contestações territoriais. Deixando os elementos históricos mais profundos de lado, podemos destacar a invasão da Suécia e a revolta dos cossacos no séc. XVIII como marcos do início de uma série de conflitos desse antigo país católico que ganhara força a partir da união com os vizinhos lituanos.

A situação próspera da Polônia e sua forma de gestão política baseada no parlamentarismo aristocrático, que elaborou até mesmo uma constituição, fez com que a czarina Catarina II iniciasse uma guerra para prevenir a ascensão continuada dessa possível potência europeia. No final do século XVIII, Rússia, Áustria e Prússia dividem a Polônia, que deixa de existir independentemente. No entanto, pouco tempo depois, em 1807, Napoleão tenta restabelecê-la a partir do ducado de Varsóvia.

Contudo, é somente após o término da Primeira Guerra Mundial que o país ressurgiu com a criação da Segunda República Polonesa. O então presidente dos EUA Woodrow Wilson enumerou como uma das medidas necessárias para a paz o restabelecimento da Polônia, que havia participado da guerra com um contingente significativo de soldados. Logo após, entre 1919 e 1921, ocorre uma guerra entre União Soviética e Polônia em que o objetivo era a proliferação da revolução socialista na Europa. Lênin visava chegar aos países maduros do ponto de vista das forças produtivas e da organização política do capitalismo, como a Alemanha e a França. Entretanto, com apoio das potências capitalistas (como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo), o exército vermelho sofre uma grande derrota. O escritor Isaac Babel (2006) narra a campanha soviética em seu diário de guerra intitulado “Exército de Cavalaria”.

Não tardaria para a Polônia novamente cair na esfera de influência soviética, um desejo que, como vimos, advém da época da Rússia imperial. Em 1939, com o início das campanhas nazistas na Europa, é assinado o pacto de não agressão entre Alemanha e União Soviética. Muitos comunistas do mundo viram o tratado como uma espécie de traição à linha política adotada pela União Soviética, mas de fato ele permitiu um ganho de tempo para modernização militar assim como a produção e desenvolvimento de armamento mais eficiente contra o inovador exército da Alemanha.

No pacto entre os dois países, a Polônia seria dividida em duas áreas de ocupação. Durante o período, a polícia secreta soviética, então chamada NKVD, foi responsável pela morte de cerca de 22.000 pessoas que foram transportadas e assassinadas em território soviético. O massacre de Katyn foi coordenado por Béria e eliminou parte significativa do comando militar polonês, bem como sua *intelligentsia*, alguns deles com simpatia ao comunismo (MONTEFIORE, 2003:430-470 e 527). Quando a campanha alemã invadiu o território russo e descobriu os corpos enterrados utilizou esse elemento contra os soviéticos tentando angariar apoio dos poloneses. Os soviéticos oficialmente acusaram os próprios nazistas já que os assassinatos haviam sido feitos com armas alemãs.

A consequência desse processo foi o levante de Varsóvia após a libertação da cidade pelo exército vermelho. Os poloneses estavam dispostos a combater o nazismo e evitar o avanço das tropas soviéticas (MONTEFIORE, 2003:527). Os nacionalistas perderam e a paz significou o desenvolvimento de uma nova política sob a tutela de Moscou. Segundo Montefiore (2003), Stalin lamentaria esse expurgo porque, apesar do

contingente ter participado da guerra contra a União Soviética em 1919, ele poderia ter colaborado na implementação do socialismo.

No entre guerras, a Polônia era um dos principais países agrários da Europa, com cerca de 60% da população habitando o campo, o que era uma das causas do problema do analfabetismo. No pós-guerra, a formação da República Popular da Polônia significou um amplo processo de urbanização e industrialização, além do aumento de universidades e estudantes (SARAPATA e WESOLOWSKI, 1961:581).

Nesse contexto, inicia-se a reconstrução de Varsóvia retratada por George. A destruição da cidade era tamanha e a pobreza da população era tão gritante que as trocas comerciais eram feitas pelo escambo em espécie. Alguns até sugeriram que a cidade fosse reconstruída em outro sítio, tamanha era a destruição (CROWLEY, 1997:206).

Após todas essas turbulências, envolvendo os soviéticos e os alemães, principalmente com Auschwitz e o estabelecimento do gueto de Varsóvia, a política stalinista foi estabelecer um amplo debate público entre os arquitetos e engenheiros poloneses para decidir como reconstruir a cidade. Isso não anula a influência do planejamento e da arquitetura soviética com suas contribuições. Decidido o plano, cujas principais características são apresentadas por George, iniciam-se os trabalhos feitos voluntariamente pela população. Assim, junto ao processo de construção da cidade instauram-se grandes festivais de cunho nacionalista com trabalho intenso e apresentações da cultura popular (CROWLEY, 1997:208).

A estratégia política era unir três ideias: 1. a reconstrução heróica de Varsóvia e de seu povo que lutou contra o nazismo, 2. a recuperação do espírito nacional polonês e 3. a instituição de um partido comunista formado pelo povo. Dessa maneira, o stalinismo instrumentalizou a cultura nacional unindo-a umbilicalmente ao partido e ao socialismo. Como demonstra Crowley (1997:208), “a reconstrução da capital foi incorporada no centro do programa do partido e, por extensão, uniu-se à legitimidade de sua autoridade”.

Crowley (1997:211-212) também demonstra que no discurso oficial a nova Varsóvia é retratada como um antídoto à cidade capitalista de antes da guerra, pois agora ela não é mais um conjunto fragmentado que exclui determinados setores da sociedade. O combate à pobreza, aos ambientes urbanisticamente degradados em função das classes sociais e à separação de bairros burgueses e proletários são elementos da ordem do dia

no plano. George nos apresenta todos esses aspectos e reproduz o discurso de uma cidade consciente de si.

Contudo, George não poderia nesse texto destacar um componente urbano que aumentaria ainda mais a ambiguidade entre a relação entre poloneses e russos: o Palácio Joseph Stalin de Cultura e Ciência. Concluído em 1955, o prédio construído no melhor estilo dos arranha-céus stalinistas foi um presente do líder soviético. No entanto, nem mesmo os dirigentes do partido comunista polonês gostaram do edifício feito por trabalhadores russos, com matérias-primas russas e por arquitetos soviéticos (CROWLEY, 1997:214). Apesar do prédio enorme começar a fazer parte da paisagem urbana de Varsóvia, ele é contraditoriamente uma demonstração de poder e solidariedade da União Soviética.

Por fim, Crowley (1997:219) ainda destaca o processo de reconstrução do centro de Varsóvia que sofreu por um processo de memória seletiva, ou seja, o partido e os arquitetos selecionaram o que devia ser lembrado e esquecido, na paisagem urbana do centro. No entanto, isso não evitou que o centro de Varsóvia fosse subjetivamente apropriado pelos manifestantes do movimento Solidariedade em 1982. O centro representa não somente o passado glorioso da Polônia independente, mas também remete ao discurso entrecortado por essa memória seletiva da paisagem.

Entretanto, é somente em uma sociedade livre da especulação imobiliária que tal empreendimento pode ser feito. Não é possível conversar ou reconstruir o passado urbano em vários lugares onde ele é completamente destruído em função de novas perspectivas de lucro na construção civil. Diferentemente de sua interpretação acreditamos que a censura no discurso paisagístico do centro urbano de Varsóvia não tenha sido tão intensa, pois senão ele não teria sido apropriado por aqueles que se opuseram ao regime. Obviamente, sua exaltação e ocupação demonstram um saudosismo para com o passado de Varsóvia.

Independente disso, é interessante perceber esses processos sociais que guardam uma especificidade por terem acontecido em um país socialista. Acreditamos que a análise de George sobre Varsóvia é original e complexa, levando em conta elementos históricos, sociais e econômicos para apresentar o plano de reconstrução da cidade. Através do documento, podemos ter um retrato do projeto com sua concepção urbanística e entrar em contato, de maneira um pouco mais aprofundada, com as diretrizes do

planejamento soviético que influenciaram profundamente o pensamento de George e parte da geografia francesa.

Como tentamos demonstrar neste comentário, mesmo quando George se desliga do partido comunista as lições que ele aprendeu nos anos de vivência e análise da racionalização econômica soviética irão se diluir muito lentamente, mesmo tendo em vista a tentativa de neutralização da geografia ativa. É desnecessário dizer que todo esse debate interessa à compreensão do território nacional uma vez que Michel Rochefort, um dos discípulos mais ligados a George, fez diversas viagens ao Brasil e testou muitas de suas teorias aqui, utilizando nossa pátria como um verdadeiro laboratório de suas ideias diante das especificidades do terceiro mundo. Rochefort sintetizou e aplicou o debate de seu mestre, mas isso é assunto para um novo texto.

BIBLIOGRAFIA

- BABEL, Isaac (2006). Exército de cavalaria. São Paulo: Cosac Naify.
- BENKO, Georges. e SCOTT, Allen (2004). “Economic geography: tradition and turbulence” in BENKO, Georges e STROHMAYER, Ulf (org.). Human geography - a history for 21st Century. Londres: Arnold.
- CLAVAL, Paul (1998). Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours. Paris: Éditions Nathan.
- CLOUT, Hugh (2010). “Pierre George 1909-2006” in Geographers, bibliographical studies, vol. 29, Londres: Continuum.
- CROWLEY, David (1997). “People’s Warsaw / Popular Warsaw” in Journal of Design History, vol. 10, nº 2.
- COUZON, Isabelle (2003). “Les espaces économiques’ de François Perroux (1950). Organisation de l’espace et aménagement du territoire dans l’économie et la géographie française au milieu du XXème siècle” in Revue d’histoire des sciences humaines, Paris, nº 9.
- DULLIN, Sabine (2000). “Les interprétations françaises du système soviétique” in DREYFUS, Michel (org.). Le siècle des communismes. Paris: Les Editions de l’Atelier.
- GEORGE, Pierre (1990). Le métier de géographe. Paris: Armand Colin.

- _____, Pierre (1975). “Max Sorre” in Bulletin de la section de géographie - les géographes français. Paris: Bibliothèque nationale.
- _____, Pierre (1968). “Cinquantes ans d’expérience économique socialiste: centralisme, régionalisme, décentralisation économique” in Annales de Géographie, Paris, n° 423, vol. 77.
- _____, Pierre (1946). Géographie économique & sociale de la France. Paris: Éditions Hier & aujourd’hui.
- _____, Pierre (1945). Cours d’économie politique. Paris: Éditions Sociales.
- GEORGE, Pierre; KAYSER, Bernard; LACOSTE, Yves; GUGLIELMO, Raymond (1966). A geografia ativa. São Paulo: Difusão Européia do livro.
- HOMMAGE des Annales de géographie (2008). “Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps” in Annales de géographie, n° 6, vol. 59.
- JULLIARD, Jacques e WINOCK, Michel (org.) (1996). Dictionnaire des intellectuels français. Paris: Éditions de Seuil.
- LEFEBVRE, Henri (2008). Espaço e política. Belo Horizonte: Edições UFMG.
- MANZAGOL, Claude (2008). “Quelques points de controverse dans l’oeuvre de Pierre George” in Cahiers de géographie du Québec, vol. 52, n° 146.
- MERCIER, Guy (2008). “Legs vidalien et romantisme scientifique” in Cahiers de géographie du Québec, vol. 52, n° 146.
- MONTEFIORE, Simon S. (2006). Stalin, a corte do Czar vermelho. São Paulo: Companhia das letras.
- MONTRICHER, Nicole de (1995). L’aménagement du territoire. Paris: Éditions la Découverte,.
- PRADO JR., Caio (1983). A cidade de São Paulo. São Paulo: Brasiliense.
- PAILHÉ, Jöel (1981). “Pierre George, la géographie et le marxisme” in Espace-temps, Paris, L’Assosiation Espaces-temps, n° 18-19-20.
- RENARD, Jean (2008). “Pierre George et la géographie rurale ou la géographie rurale de Pierre George” in Cahiers de géographie du Québec, vol. 52, n° 146.
- ROBIC, Marie-Claire; BRIEND, Anne-Marie; RÖSSLER, Mechtild (org.) (1996). Géographes face au monde. Paris: L’Harmattan.
- ROCHEFORT, Michel (2008). “Les structures sociales dans la pensée géographique de Pierre George” in Cahiers de géographie du Québec, vol. 52, n° 146.

SARAPATA, Adam e WESOŁOWSKI, Włodzimierz (1961). "The evaluation of occupations by Warsaw inhabitants" in American Journal of Sociology, vol. 66, n° 6.

SURET-CANALE, Jean (1981). "Géographe, marxiste" in Espace-temps, Paris, L'Assosiation Espaces-temps, no 18-19-20.

TISSIER, Jean-Louis (1992). "Front pionnier des géographes?" in FOURCAUT, Annie (org.). Banlieu rouge 1920-1960. Paris: Éditions Autrement.